

HELDER MACEDO, LEITOR DE CESÁRIO VERDE

Maria Lúcia Outeiro FERNANDES*

■ **RESUMO:** Em sua homenagem a Helder Macedo, a autora aborda primeiramente alguns aspectos relevantes da trajetória acadêmica do escritor, destacando a sua importância para a área de Estudos Literários. Em seguida, detém-se na análise da contribuição do homenageado, como leitor e crítico do poeta Cesário Verde, ao abordar a sua postura político-ideológica, o método de criação e composição, e a antinomia presente na obra cesariana entre a cidade e o campo. Conclui mostrando que a análise crítica empreendida por Helder Macedo é relevante para se compreender a sensibilidade de Cesário Verde, que manifesta uma singular revolta moral contra as injustiças sociais e uma inequívoca condenação delas.

■ **PALAVRAS-CHAVE:** Helder Macedo. Associação Internacional de Lusitanistas. Poesia realista. Cesário Verde. Poesia e sociedade.

Faz frio. Mas, depois duns dias de aguaceiros,
Vibra uma imensa claridade crua.
De cócoras, em linha os calceteiros,
Com lentidão, terrosos e grosseiros,
Calçam de lado a lado a longa rua.
[...]

Não se ouvem aves; nem o choro duma nora!
Tomam por outra parte os viandantes;
E o ferro e a pedra – que união sonora! –
Retinem alto pelo espaço fora,
Com choques ríjos, ásperos, cantantes.

Bom tempo. E os rapagões, morosos, duros, baços,
Cuja coluna nunca se endireita,
Partem penedos; cruzam-se estilhaços.
Pesam enormemente os grossos maços,
Com que outros batem a calçada feita.

Cesário Verde (s.d., p. 69-70)

* UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade Ciências e Letras – Departamento de Linguística, Literatura e Letras Clássicas. Araraquara – SP – Brasil. 14.802-520 - outeiro.fernandes@unesp.br.

Introdução

No momento em que recebi o convite para participar da homenagem a Helder Macedo, pensei que não seria pessoa qualificada para tal missão, uma vez que nunca convivi com o escritor, nem me dediquei a estudar sua obra, como muitos outros colegas o fizeram, embora sua poesia sempre tenha sido abordada na disciplina de Poesia Portuguesa Contemporânea que ministrei por muitos anos. Duas coisas, porém, impeliram-me a aceitar o convite.

Em primeiro lugar o fato de que Helder Macedo sempre esteve presente na minha trajetória como professora de Literatura Portuguesa, e creio que na trajetória de grande parte de meus colegas de área, durante uma infinidade de eventos acadêmicos, no Brasil e em outros lugares do mundo. A primeira vez que ouvi falar de Helder Macedo, e que tive o prazer de ouvi-lo falando, foi no inesquecível Congresso da AIL, em 1996, em Oxford, na Inglaterra. Foi quando conheci a AIL – Associação Internacional de Lusitanistas e nela ingressei, tendo permanecido sócia por muitos anos. Nesse Congresso, o professor Helder Macedo, que trabalhava no King's College, em Londres, era o Presidente da Comissão Executiva da AIL. O Primeiro Vice-presidente era a professora Cleonice Berardinelli, da PUC e da UFRJ, e o Segundo Vice-Presidente, era o professor Carlos Reis, da Universidade de Coimbra. Vou reproduzir, aqui, o início da fala de Helder Macedo na abertura do 5º Congresso da AIL, cujo texto está publicado nas Actas do Congresso, pois a descrição que ele nos apresenta, sobre a natureza e os propósitos dessa associação, remete-nos aos princípios que legitimam nossa homenagem ao colega. A sua presença, sempre constante, a participação e colaboração efetiva para a existência dessa comunidade de professores e pesquisadores das literaturas de língua portuguesa, o papel desempenhado por ele nessa comunidade conferem pertinência e relevância ao gesto que ora realizamos. Passo a citar o professor Helder Macedo (1998a, p. 11):

A base funcional da Associação Internacional de Lusitanistas é a língua portuguesa. Mas a razão de ser da Associação reside sobretudo na diversidade das culturas que esta língua veicula, no facto de o português não ser apenas a língua da semelhança, mas também a língua da diferença. Todos nós, consoante o espaço lusófono onde nos situamos, somos também estrangeiros nessa língua que é nossa, porque ela é também a língua de outros povos e de outras nações e de outras culturas. Para muitos de entre nós o português não é a língua materna. Para alguns, mesmo que seja, não é a língua dos países onde exercemos a nossa profissão de lusitanistas. A língua portuguesa que está na base desta Associação é assim, muitas vezes, a língua dos outros. E muitas vezes os outros somos nós. Essa, no entanto, é a razão de ser da nossa identidade colectiva, a causa da nossa força, a necessidade do nosso internacionalismo, a vantagem da nossa independência institucional.

Imagino que seja graças a essa identidade coletiva, na qual exercemos nossa “profissão de lusitanistas”, como define Helder Macedo, que eu tenha sentido o apelo para participar deste evento. Formamos uma comunidade, da qual sinto orgulho de fazer parte e aqui estou como testemunha da notabilidade do trabalho de um colega para a consolidação dessa comunidade.

Depois desse congresso, o professor Helder Macedo assumiu a presidência da AIL, num mandato de extraordinário crescimento da Associação, inclusive pela publicação dos primeiros números da revista *Veredas*, relevante até hoje, da qual foi um dos criadores e o primeiro diretor. Até hoje seu nome está naturalmente associado à AIL, da qual se tornou Presidente de Honra.

Helder Macedo & Jorge de Sena

Outra lembrança boa que tenho do professor Helder Macedo vem do Congresso da AIL, no Rio de Janeiro, em 1998, quando apresentei um trabalho sobre a poesia de Jorge de Sena. E quem estava lá, na plateia, ouvindo as comunicações daquela sessão, participando com perguntas e comentários? O então presidente da AIL, ele, o nosso homenageado. Habitualmente muito educado, generoso e perspicaz em suas intervenções, durante os eventos, sempre nos estimulava a refletir acerca das nossas abordagens e dos temas propostos. Enfim, suas manifestações contribuíam efetivamente para valorizar e enriquecer o trabalho dos colegas. Essa é a memória que guardei de Helder Macedo.

Nesse mesmo ano, ele também esteve em Araraquara, na UNESP, atendendo ao nosso convite para participar do Congresso Internacional “Sinais de Jorge de Sena” (30/08 a 02/09/1998), organizado pela área de Literatura Portuguesa. Sua colaboração não se limitou à Conferência proferida. Durante todo o evento pudemos apreciar suas intervenções motivando perspectivas e apontando aspectos da vida e da obra de Sena, nos diálogos com os demais participantes, como Dona Mécia de Sena e outros ilustres amigos do escritor ou estudiosos de sua obra, que aqui estiveram presentes, como Jorge Fazenda Lourenço, Frederick G. Williams, Fernando Lemos, Antonio Cândido, Gilda Santos, Cleonice Berardinelli, Eugénia Vasques, Margarida Braga Neves, Ernesto de Melo e Castro, Eduardo Lourenço, entre outros, conforme a memória vai me trazendo à lembrança.

Desse evento, Helder Macedo deixou-nos um testemunho, ao lado de outros, inclusive do meu próprio, publicado num volume do *Boletim do Centro de Estudos Portugueses Jorge de Sena*, do qual retirei a citação abaixo:

Os congressos sobre Jorge de Sena no Rio de Janeiro e em Araraquara foram acontecimentos de considerável importância cultural, e não só pela justa homenagem a esse mestre português que adoptou a nacionalidade brasileira. Em Araraquara, a exposição organizada por Fernando Lemos, que complementou o

congresso, só por si teria merecido a viagem. O significado nela evidenciado – a contribuição de alguns expatriados portugueses para a cultura brasileira – ficou por sua vez eloquentemente corroborado quando Antonio Cândido, com luminosa simplicidade, fez entender que a tradição cultural brasileira por definição também inclui a portuguesa. Com efeito, da minha própria perspectiva universalizante e ecuménica, também julgo ser tempo de o Brasil reivindicar como autores não menos seus do que portugueses um Gil Vicente, um Bernardim Ribeiro, um Luís de Camões, entendendo igualmente (e fazendo assim que os portugueses que ainda o não entenderam finalmente entendam) que os dois romancistas universais da lusofonia, Machado de Assis e Eça de Queirós, são ramos complementares de uma partilhada tradição literária. Quero com isto dizer que a marginalização dos estudos brasileiros em Portugal e dos estudos portugueses no Brasil só serve para enfraquecer cada uma dessas culturas como entidades autônomas. Culturalmente, a autonomia é um processo contínuo, todo ele feito de convergências e de divergências. Se as convergências não forem assumidas, as divergências não poderão ser notadas (Macedo, 1998b, p. 103).

Nesse depoimento pode-se observar a mesma preocupação em definir uma espécie de identidade coletiva a fundamentar a comunidade dos falantes de língua portuguesa, o que redunda na necessidade de se cultivar o estudo mútuo das literaturas dos povos integrantes dessa comunidade, justamente para que melhor se compreendam as especificidades e divergências de cada cultura.

Helder Macedo & Cesário Verde

O segundo motivo que me levou a aceitar o convite para participar da homenagem a Helder Macedo foi o desejo de falar sobre um dos seus mais relevantes estudos críticos, que teve uma funcionalidade essencial na minha compreensão acerca da poesia de Cesário Verde (25/2/1855-19/7/1886), um poeta singular que viveu no final do século XIX, um dos fundadores da lírica moderna em Portugal. Trata-se do estudo publicado no livro *Nós, Uma Leitura de Cesário Verde*.

Helder Macedo é autor de trabalhos críticos fundamentais para a compreensão das obras de vários outros escritores portugueses e brasileiros, como Dom Dinis, Bernardim Ribeiro, Sá de Miranda, Camões, Almeida Garrett, Eça de Queirós, Fernando Pessoa, Jorge de Sena; Machado de Assis e Guimarães Rosa. Escolhi seu trabalho sobre Cesário Verde porque me acompanhou em sala de aula boa parte da minha vida, na disciplina de poesia portuguesa.

O livro de Helder Macedo sobre Cesário Verde constitui uma versão portuguesa de sua tese de doutoramento na Universidade de Londres, onde o professor fez sua formação acadêmica e onde foi professor, tendo trabalhado grande parte de sua vida como titular da cátedra “Camões”. Importante relembrar que entre os membros da

banca examinadora estavam dois grandes críticos da Literatura Portuguesa, Jorge de Sena e Alexandre Pinheiro Torres.

Antes de abordar o estudo de Helder Macedo, é interessante apresentar breve contextualização histórica para entendermos a abordagem de sua obra feita por Helder Macedo. Cesário Verde viveu e escreveu na cidade de Lisboa, na segunda metade do século XIX, momento de agravamento da crise portuguesa iniciada há séculos, nos fins do século XVI, com o célebre desaparecimento de D. Sebastião. Desde então, o povo português havia experimentado um processo de decadência econômica, uma vez que o país não acompanhara a evolução dos meios de produção e do comércio ocorrida no resto da Europa.

Um forte abatimento moral foi vivido pelo povo lusitano à época de Cesário Verde, diante da situação econômica precária, do enfraquecimento progressivo de sua nobreza e, consequentemente, de seu governo. O país estava à mercê dos ingleses há quase meio século, desde a fuga de D. João VI e da Família Real para o Brasil em 1806/1807.

A pequena burguesia rural entrava em falência e emigrava para as colônias, principalmente para o Brasil, e aquela população da cidade, cuja sobrevivência provinha do trabalho industrial, estava cada vez mais miserável. Esse quadro persistiu e agravou-se com a consolidação do liberalismo no país. Nesse ambiente surgiu a “Geração de 70”, promovendo certa agitação cultural e uma severa crítica ao atraso de Portugal. Embora contemporâneo dessa geração, Cesário Verde se manteve distante, e o estudo de Helder Macedo, como veremos a seguir, nos fornece relevantes subsídios para compreendermos esse distanciamento.

Embora Cesário Verde tenha permanecido meio que à margem desses processos, não ficou alheio à atmosfera ao seu redor, produzindo uma poesia cujo percurso se iniciou com um lirismo ingênuo e adolescente e evoluiu, rapidamente, mudando de tom e tratando de questões cada vez mais vinculadas à realidade de seu tempo e da sociedade portuguesa.

A leitura crítica de Helder Macedo

A consciência crítica acerca da escrita poética de Cesário Verde, que permite a Helder Macedo enxergar detalhes singulares dessa poética, tem muito a ver com sua própria experiência enquanto poeta. Seu primeiro livro de poesia, *Vesperal*, publicado no alvorecer da juventude, em 1957, foi saudado com entusiasmo por Jorge de Sena, no Prefácio que escreveu para uma posterior reunião de seus poemas: “Em 1957, Helder Macedo estreou-se em volume com *Vesperal*, um livro muito belo, de um equilíbrio refinado e de notável domínio da expressão e do ritmo. Era então muito jovem, tinha cerca de vinte e dois anos. [...] Neste contexto, pode dizer-se que *Vesperal* de Helder Macedo foi, em 1957, um dos livros mais perfeitos que por esse tempo se publicaram” (Sena, 1979, p. 7). Como poeta consciente

do seu contexto e atento à forma, o crítico Helder Macedo vai apresentar notável sensibilidade para enfatizar a essencial articulação entre os aspectos ideológicos e os elementos estéticos na obra analisada.

O fato de ser professor e investigador, crítico e poeta, fez de Helder Macedo um leitor bastante especial, o que explica o fato de que o livro sobre Cesário Verde tenha se tornado uma obra de referência obrigatória para quem estuda a obra cesariana.

A primeira coisa que se percebe, logo no início, é a metodologia adotada pelo ensaista, descrita no capítulo inicial, intitulado “Coordenadas Ideológicas”. Dessas páginas se depreende o respeito integral aos textos do poeta estudado. O trabalho do crítico principia pela interpelação dos próprios poemas de Cesário Verde, buscando neles tanto as perguntas quanto as respostas que direcionam e justificam suas análises e conclusões.

Nos versos do poema intitulado “Contrariedades”, o crítico encontra o mote que vai direcionar todo o seu trabalho de investigação, análise e interpretação:

[...]

A crítica segundo o método de Taine
Ignoram-na. Juntei numa fogueira imensa
Muitíssimos papéis inéditos. A imprensa
Vale um desdém solene.

[...] (Verde, s.d., p. 58).

Helder Macedo vai pegar essa referência a Hippolyte Taine, um dos principais teóricos do realismo literário, e com ela fundamentar os três principais aspectos de sua abordagem crítica à lírica do poeta português: a postura político-ideológica de Cesário Verde, que o afasta dos demais escritores do realismo português; o método de criação e composição de seus poemas, que o inserem na mais genuína forma da arte realista, proposta por seus principais teóricos; e a antinomia cidade-campo, que permite classificar o poeta como um bucolista do realismo, um bucolista que, ao mesmo tempo que se aproxima da elevada tradição dos poetas bucólicos da língua portuguesa, como um Sá-de-Miranda, também se afasta, à medida que a poesia de Cesário Verde vai passando por uma evolução em relação à concepção que ele próprio tinha dessa antinomia.

Esses aspectos constituem os três pontos básicos que caracterizam a abordagem crítica empreendida por Helder Macedo. Os três tópicos, evidentemente, entrelaçam-se e complementam-se ao longo das análises do *corpus* selecionado. O fio condutor que leva à seleção dos poemas abordados é justamente a questão da antinomia cidade-campo, que perpassa toda a obra de Cesário. Helder Macedo escolhe os poemas que lhe permitem discorrer acerca das repetições e das mudanças observadas no processo de evolução do posicionamento ideológico do poeta diante

de certas questões, surgidas ao longo das reflexões suscitadas a partir da oposição cidade-campo, no contexto histórico acima apresentado, marcado profundamente por uma diferença brutal entre a classe burguesa e as classes trabalhadoras, bem como entre as nações industrializadas do Norte e as agrárias, do Sul, entre as quais está Portugal.

Voltando ao poema “Contrariedades” e aos versos em que o eu-lírico lamenta não ser compreendido pelos seus contemporâneos, porque lhes faltava o conhecimento da crítica de Taine, Helder Macedo começa contestando o sujeito poético para, em seguida, demonstrar que os motivos da rejeição por ele sofrida eram outros, pois, ao contrário do que dizem os versos citados, a crítica de Taine foi bastante conhecida dos contemporâneos de Cesário de Verde. O problema estava na interpretação e no uso das teorias do historiador e crítico francês, que haviam suscitado posturas e perspectivas político-ideológicas diversas. Enquanto a maioria da intelectualidade portuguesa seguia a perspectiva ideológica representada pelo historiador Oliveira Martins, Cesário Verde vai desenvolver uma reflexão que o leva pouco a pouco a adotar uma postura completamente diferente, que o afasta cada vez mais dos demais escritores realistas, embora na prática e na metodologia da escrita seja um autêntico representante desse movimento estético. A reflexão acerca da sociedade portuguesa, que se desenvolve ao longo da escrita da obra poética de Cesário Verde, parte da antinomia cidade/campo que, como demonstra o trabalho meticoloso de Helder Macedo, passa por várias interpretações desenvolvidas pelo poeta.

O percurso ideológico de Cesário Verde

Macedo busca demonstrar como a perspectiva teórico-crítica de Cesário Verde afasta-se da compreensão dominante entre os intelectuais acerca desse momento histórico, cujo paradigma era a obra de Oliveira Martins. Apoiando-se nos fundamentos teóricos de Hippolyte Taine, dos quais retira a ideia de que o estado de civilização de uma nação é determinado por três fatores – a raça, o ambiente (o meio físico, político e social) e o momento –, Oliveira Martins postulou que o momento crítico vivido pelos portugueses era o resultado inevitável das origens raciais da nação e do seu ambiente geográfico. Em outras palavras, as causas do malogro da revolução liberal residiam na natureza, ou seja, na inferioridade inata dos portugueses. A burguesia liberal portuguesa acatou tal explicação e, por isso, rejeitou a obra poética de Cesário Verde, que seguiu direção ideológica muito diferente.

Cesário Verde, republicano convicto, militante, embora também se utilizasse das mesmas ferramentas teóricas, baseadas na obra de Hippolyte Taine, conduziu suas reflexões de modo tão distinto, que chegou a conclusões praticamente opostas às interpretações concebidas por Oliveira Martins sobre o contexto histórico

lusitano. Enquanto Oliveira Martins via o momento como o estertor final de um organismo nacional doente, só governável por uma elite autoritária, Cesário Verde entendia esse momento como o ponto de viragem para uma modificação radical das estruturas políticas e sociais da nação. A responsabilidade pela falência generalizada de Portugal cabia à oligarquia no poder, enquanto a salvação viria das camadas pobres da população.

Tal como Oliveira Martins, Cesário Verde conhecia a teoria da “sobrevivência do mais forte”, abordada frequentemente em sua poesia, porém, suas “observações concretas e minuciosas” dos acontecimentos reais, presentes no cotidiano da sociedade portuguesa, na qual vivia o poeta, levaram-no a concluir que os “mais fortes” do ponto vista biológico, aqueles que deveriam sobreviver na luta e no desenvolvimento das espécies, “não eram os membros das classes dominantes, à qual ele próprio pertencia, mas antes o povo comum”, que carregava uma “riqueza química no seu corpo” (Macedo, 1975, p. 54). O poema “Nós” representa o ponto central da análise empreendida por Helder Macedo a fim de demonstrar a tese defendida por Cesário Verde, de que “a dominação real dos pobres pelos ricos é uma perversão da ordem natural”, o que fica bastante claro nos versos:

[...]
Pobre da minha geração exangue
De ricos! Antes, como os abrutados,
Andar com uns sapatos ensebados,
E ter riqueza química no sangue!
[...] (Verde, s.d., p. 129).

Macedo demonstra, na análise minuciosa desse poema, que a perversão da ordem natural é apontada por Cesário Verde como um obstáculo ao progresso, o qual só poderia ser alcançado “se a ordem natural fosse restaurada”. Seguindo essa linha de reflexão, Cesário Verde acabou por compreender que “a luta material pela sobrevivência seria transformada, inevitavelmente, numa confrontação social e potencialmente política entre ricos e pobres” (Macedo, 1975, p. 54).

Outra diferença relevante entre a perspectiva ideológica de Oliveira Martins e a de Cesário Verde está na concepção idealista do “eu”. Oliveira Martins adota uma visão hegeliana do sujeito, pela qual o “eu” se opõe ao mundo, o que leva a uma percepção subjetiva da realidade. Na definição do “eu” adotada por Cesário Verde, porém, o sujeito constitui um fenômeno objetivo, que não é distinto, mas pertence ao real e não ao mundo das ideias.

Desse modo, pode-se concluir que um dos objetivos da crítica de Helder Macedo, ao abordar a poesia de Cesário Verde, é demonstrar que o processo evolutivo da obra de Cesário Verde corresponde a uma exploração funcional das

antinomias básicas de uma realidade contraditória e à tentativa de reconciliá-las numa visão totalizante dessa realidade.

O contraste entre o campo e a cidade, como demonstra Helder Macedo, constitui a antinomia que mais exemplarmente reflete, em termos sociais, culturais e políticos, a crise de transição da sociedade portuguesa no tempo de Cesário Verde e é em torno dela que a sua poesia vai se realizar e se constituir como obra representativa daquele momento histórico:

É evidente [...] que cidade e campo devem ser entendidos como significantes – cada um deles correspondendo a um conjunto de factos significativos – e não como significados na obra de Cesário. Mas também são os pólos de um processo intelectual dinâmico, de uma viagem ideológica em que Cesário Verde procura reconciliar essas coordenadas antitéticas para poder definir a sua própria identidade. Essa viagem e essa procura tomam forma poética na estrutura característica de Cesário: o monólogo, o registo anotado de um passeio reflexivo durante o qual o sujeito procura entender a realidade compósita da qual é, ao mesmo tempo, uma parte e um observador isolado (Macedo, 1975, p. 55).

A viagem ideológica empreendida por Cesário Verde segue o caminho estabelecido por sua compreensão da antinomia cidade/campo. No início de suas atividades poéticas, a cidade significa, ao nível social, opressão, e o campo significa a recusa da opressão e a possibilidade do exercício da liberdade. Com o tempo, porém, vai havendo uma evolução no modo de conceber essa antinomia. Ao se identificar com o povo do campo, o poeta mergulha no mundo do trabalho e acaba desenvolvendo uma consciência mais complexa da realidade. Essa reformulação leva à transposição do contraste entre o campo e a cidade para uma nova espécie de polaridade, que é o contraste entre a sociedade agrária e a sociedade industrial.

A cidade artificial torna-se equivalente às nações industriais do Norte e o campo – o natural oposto ao artificial – torna-se equivalente a Portugal, uma nação agrária do Sul identificada com o seu povo comum.

Ao identificar-se com o trabalhador do campo, porém, Cesário Verde acaba desenvolvendo a consciência de uma nova antinomia, entre os pobres e os ricos, compreendendo que as injustiças acontecem tanto no campo quanto na cidade. Essa consciência leva Cesário à equivalente percepção sociopolítica de que a ordem social existente é antinatural, a inversão do que deveria ser a ordem natural. A conclusão lógica será compreender que a sobrevivência da sociedade depende da restauração da ordem social natural.

Essa consciência começa a se esboçar aos poucos, à medida que o poeta se sensibiliza com o lugar e os sofrimentos de pobres e trabalhadores no contexto da indiferença cruel da burguesia urbana, como ocorre no poema “Desastre”, escrito

na primeira fase, publicado em jornal mas não incluído nas primeiras edições do seu livro.

Ele ia numa maca, em ânsias, contrafeito,
Soltando fundos ais e trêmulos queixumes;
Caíra dum andaime e dera com o peito,
Pesada e secamente, em cima duns tapumes.

A brisa que balouça as árvores das praças,
Como uma mãe erguia ao leito os cortinados,
E dentro eu divisei o ungido das desgraças,
Trazendo em sangue negro os membros ensopados.

[...]

Findara honrosamente. As lutas, afinal,
Deixavam repousar essa criança escrava,
E a gente da província, atônita, exclamava:
“Que providências! Deus! Lá vai para o hospital!”

Por onde o morto passa há grupos, murmurinhos;
Mornas essências vêm duma perfumaria,
E cheira a peixe frito um armazém de vinhos,
Numa travessa escura em que não entra o dia!

Um fidalgote brada e duas prostitutas:
“Que espantos! Um rapaz servente de pedreiro!”
Bisonhos, devagar, passeiam uns recrutas
E conta-se o que foi na loja dum barbeiro.

[...]

E o desgraçado? Ah! Ah! Foi para a vala imensa,
Na tumba, e sem o adeus dos rudes camaradas:
Isto porque o patrão negou-lhes a licença,
O Inverno estava à porta e as obras atrasadas.

E antes, ao soletrar a narração do facto.,
Vinda numa local hipócrita e ligeira,
Berrara ao empreiteiro, um tanto estupefacto:
«Morreu! Pois não caísse! Alguma bebedeira!»

[...]

(Verde, 1983, p. 90-92).

Numa postura um tanto paternalista, o sujeito lírico apresenta a triste sina de um jovem trabalhador, que cai de um andaime, por estar distraído observando a cidade, e agoniza, enquanto é conduzido numa maca improvisada por colegas de trabalho. O cortejo pelas ruas da cidade dá ensejo a que o poeta conduza o leitor a observar, como ele próprio faz, as reações de diversas figuras típicas que costumam frequentar as ruas de uma cidade. A consciência da espoliação das classes trabalhadoras começa a configurar-se na poesia de Cesário por meio da descrição fria, que contrasta com a dor da vítima e ressalta a indiferença cruel com que esses personagens, representantes da burguesa urbana, tratam o pobre trabalhador.

Com o desenvolvimento de seu percurso poético, Cesário Verde atinge uma compreensão mais profunda acerca da realidade sofrida das classes menos favorecidas, cuja exploração não se limite à cidade. Ao protesto contra a exploração dos trabalhadores urbanos, expresso no poema “Desastre”, vai corresponder o protesto contra a exploração dos trabalhadores rurais, denunciada no poema “Provincianas”, considerado o último poema de Cesário Verde, que o deixou inacabado. Depois de expor a cena das camponesas exploradas no trabalho difícil, o poeta apresenta a figura da “branca fidalga” completamente indiferente à sorte de suas “irmãs de leite”:

[...]
As moças desses labregos
Com altas botas barrocas
De se atirarem aos regos!

Ei-las que vêm às manadas
Com caras de sofrimento,
Nas grandes marchas forçadas!
Vêm ao trabalho, ao sustento,
Com foices, sachos, enxadas.

Ai o palheiro das servas
Se o feitor lhe tira as chaves!
Elas chegam às catervas,
Quando acasalam as aves
E se fecundam as ervas!...

II

Ao meio-dia na cama,
Branca fidalga o que julga
Das pequenas da su’ama?!

Vivem minadas da pulga,
Negras do tempo e da lama.

Não é caso que a comova
Ver suas irmãs de leite,
Quer faça frio, quer chova,
Sem uma mamã que as deite
Na tepidez duma alcova?!

(Verde, s.d., p. 139-140).

A observação da realidade social leva Cesário Verde a uma compreensão cada vez mais comprometida com uma atitude política, que visa a uma conscientização para mudanças na estrutura da sociedade, tal como aparece nesse seu último poema, no qual o contraste esquemático entre campo e cidade é definitivamente transcendido.

Mas Cesário é um poeta e não um filósofo social. É pela leitura crítica da sua poesia, como poesia, que o todo da sua obra emerge exemplarmente como um “fato significativo” de um período de transição social profundamente relevante para a consciência portuguesa de Portugal.

Considerações finais

A análise da questão ideológica aponta o engajamento com a luta por uma sociedade mais justa como um dos aspectos relevantes do realismo poético de Cesário Verde, mas é importante ressaltar que essa dimensão de crítica social está intimamente ligada ao desenvolvimento de uma escrita poética singular, que contribui para a criação de uma poesia moderna em Portugal. Helder Macedo analisa minuciosamente os procedimentos técnicos adotados na escrita e na composição dos poemas de Cesário Verde, desnudando seu método de criação. Ao contrário do que se pensa, o poeta realista não usa a linguagem como mero instrumento de comunicação, para transmitir o que o poeta vê ou sente diante da realidade.

Helder Macedo vai mostrar que Cesário Verde aplica técnicas bastante elaboradas na construção das cenas que cria, mobilizando uma série de recursos de montagem, para captar a atenção do leitor e criar em sua mente as imagens que vão levá-lo a refletir sobre os temas propostos.

Para realizar essa análise, Macedo parte dos mesmos versos do poema “Contrariedades”, já que as ideias de Hippolyte Taine, o teórico do naturalismo e da crítica sociológica, também fundamenta o método de criação de Cesário Verde, como ele mesmo afirma no poema em questão. Desse modo, o crítico vai demonstrar que as práticas adotadas pelo poeta estão vinculadas à prática literária dos realistas franceses:

Para Taine, tudo o que existe (objetos, seres, paisagens, situações, imagens, sentimentos, sensações, memórias etc.) é um fato positivo, um acontecimento parcial de uma realidade concebida como o fluir constante desses mesmos fatos ou

acontecimentos inter-relacionados. Dessa perspectiva, qualquer distinção entre o mundo físico e o moral, ou entre a percepção objetiva e subjetiva do mundo torna-se absurda. O ser subjetivo é um compósito dinâmico de acontecimentos, sensações, imagens, recordações, ideias e resoluções, e a única realidade do “eu” é o fluir dos seus acontecimentos. Por um lado, o “eu” é entendido como um fenômeno positivo – tão complexo ou tão contraditório quanto a realidade externa – que, como tal, deve ser analisado. Por outro lado, “a função do artista é registrar o devir permanente da realidade, com toda a minúcia e todo o rigor” de uma investigação científica, para transformá-lo em obra de arte, colocando em relevo as inter-relações das partes, por meio da combinação singular e criativa das mesmas:

O método poético de Cesário exemplifica admiravelmente este processo dinâmico. Os seus poemas mais importantes são o registro detalhado de passeios em que um “e” procura revelar, através de observações, comentários e reflexões, anotados e analisados nos mesmos termos que a realidade observada, as relações profundas e essenciais ou as relações obscuras e desconhecidas dentro dessa realidade composta, sistematicamente transformada na escrita do poema, de modo que a sua visão final e totalizante se torna no poema ele próprio (Macedo, 1975, p. 18).

A análise crítica que Helder Macedo empreende da obra de Cesário Verde corrobora a ideia de que o poeta foi um legítimo representante das propostas realistas, tanto na crítica social, quanto na forma. A técnica da justaposição significativa, adotada por Gustave Flaubert, também foi explorada como método de criação por Cesário Verde. E a definição de novela estabelecida por Hippolyte Taine, “como um espelho a passar por uma estrada”, é igualmente aplicável à sua obra, na qual os poemas progridem numa série de sequências, “aparentemente acidentais de acontecimentos justapostos, cuja articulação metonímica é mais cinética do que visual, mais próxima da técnica cinematográfica de corte e montagem do que da técnica de composição pictórica” (Macedo, 1975, p. 18-19).

De modo que é necessário reconhecer que o trabalho crítico de Helder Macedo se tornou indispensável para a compreensão da poesia de Cesário Verde, tendo contribuído efetivamente para nos mostrar que existe, em seus versos, uma correlação harmoniosa entre o estilo, as técnicas de composição e a postura político-ideológica do poeta realista, um dos fundadores da poesia moderna em Portugal.

FERNANDES, M. L. O. Helder Macedo, reader of Cesário Verde. **Itinerários**, Araraquara, n. 60, p. 95-108, jan./jun. 2025.

- **ABSTRACT:** In her tribute to Helder Macedo, the author first addresses some relevant aspects of the writer's academic trajectory, highlighting his importance for the area of Literary Studies. Then, it focuses on the analysis of the contribution of the honoree as a reader and critic of the poet Cesário Verde, by addressing his political-ideological stance, the method of creation and composition, and the antinomy present in the Cesarean work between the city and the countryside. It concludes by showing that the critical analysis undertaken by Helder Macedo is relevant to understand the sensitivity of Cesário Verde, who manifests a singular moral revolt against social injustices and an unequivocal condemnation of them.
- **KEYWORDS:** Helder Macedo. International Association of Lusitanists. Realistic poetry. Cesário Verde. Poetry and society.

REFERÊNCIAS

MACEDO, Helder. Alocução do presidente da comissão executiva ao 5º Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas. In: EARLE, Thomas Foster (org.). **Actas do Quinto Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas**. Oxford, Coimbra: Lidel, 1998a, p. 11-15.

MACEDO, Helder. Depoimento. **Boletim do Centro de Estudos Jorge de Sena**, FCL-UNESP, Araraquara, ano 7, n. 14, p. 103-104, jul.-dez. 1998b.

MACEDO, Helder. **Nós - uma leitura de Cesário Verde**. Lisboa: Plátano, 1075. (Temas Portugueses, 4).

SENA, Jorge de. Prefácio. In: MACEDO, Helder. **Poesia 1957-1977**. Lisboa: Moraes/ Círculo do Livro, 1979. p. 7-22. Disponível em: [http://www.lerjorgedesena.letras.ufrj.br/antologias/novo-prefacios-a-poiesia-de-helder-macedo/](http://www.lerjorgedesena.letras.ufrj.br/antologias/novo-prefacios-a-poesia-de-helder-macedo/) Acesso em: 13 maio 2025.

VERDE, Cesário. **O livro de Cesário Verde**. Introdução por Maria Ema Tarracha Ferreira. 3. ed. Lisboa: Ulisseia, s.d. (Biblioteca Ulisseia de Autores Portugueses, 2)

VERDE, Cesário. **Obra completa de Cesário Verde**. Organização, prefácio e anotação de Joel Serrão. Lisboa: Livros Horizonte, 1983.

